



**L.C.
BRESEER
PEREIRA**

DESENVOLVIMENTO E CRISE NO BRASIL

**1930
1967**

Prefácio
de
**BARBOSA
LIMA
SOBRINHO**



ZAHAR

EDITORES

DESENVOLVIMENTO E CRISE
NO BRASIL
Entre 1930 e 1967

L. C. BRESSER PEREIRA

DESENVOLVIMENTO E CRISE
NO BRASIL
Entre 1930 e 1967

Prefácio de
BARBOSA LIMA SOBRINHO
da Academia Brasileira de Letras

ZAHAR EDITORES
RIO DE JANEIRO

© 1968 by L. C. Bresser Pereira

capa de
ENICO

1968

Direitos para esta edição adquiridos por
ZAHAR EDITORES
Rua México, 31 — Rio de Janeiro

Impresso no Brasil

ÍNDICE

PREFÁCIO, BARBOSA LIMA SOBRINHO	7
INTRODUÇÃO	11
Capítulo I — O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO	15
<i>O Conteúdo deste livro</i>	20
<i>A Revolução Nacional Brasileira</i>	22
Capítulo II — DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO	28
<i>O Início da Revolução Industrial Brasileira:</i> <i>1930-1939</i>	30
<i>A Segunda Guerra Mundial: 1940-1945</i>	35
<i>O Decênio do Pós-Guerra: 1946-1955</i>	38
<i>A Consolidação do Desenvolvimento Industrial:</i> <i>1956-1961</i>	43
<i>Um Modelo do Desenvolvimento Econômico</i> <i>Brasileiro</i>	53
<i>O Modelo de Desenvolvimento</i>	70
Capítulo III — DESENVOLVIMENTO SOCIAL...	74
<i>A Estrutura Social Tradicional</i>	77
<i>Novas Classes: os Empresários e os Operários...</i>	81
<i>Transformações na Classe Média</i>	83
<i>A Segunda Revolução Industrial</i>	90
<i>Superposição de Fases no Processo Social Brasileiro</i>	92
<i>Administradores e a Classe Média</i>	93
<i>Conclusão</i>	98

Capítulo IV — DESENVOLVIMENTO POLITICO 99

<i>As Lutas Ideológicas</i>	100
<i>Os Grupos Sócio-Econômicos e a Luta Ideológica</i>	106
<i>O Papel das Esquerdas</i>	109
<i>Fatos Novos Provocam Modificações Estruturais</i>	112
<i>Rompimento da Aliança entre a Esquerda e os</i> <i>Empresários Industriais</i>	118
<i>Reformismo X Conservadorismo</i>	120
<i>O Alarmismo e o Radicalismo</i>	122
<i>Conclusão</i>	126

Capítulo V — A CRISE BRASILEIRA 128

<i>A Crise Definida</i>	129
<i>Causas a Médio Prazo da Crise Econômica</i>	137
<i>Causas a Curto Prazo da Crise Econômica</i>	161
<i>Causas a Curto Prazo da Crise Política</i>	168
<i>Enquadramento Social e Ideologia do Governo</i> <i>Castelo Branco</i>	169
<i>O Empresário Industrial e a Crise Brasileira</i>	172
<i>O Governo Costa e Silva</i>	174

Capítulo VI — A VIABILIDADE DO DESENVOL-
VIMENTO CAPITALISTA PARA O BRASIL 183

<i>Desenvolvimento Auto-Impulsionado ou Não</i> ...	185
<i>Revolução Industrial e Falsa Analogia</i>	188
<i>Distorções Causadas pela Substituição de</i> <i>Importações</i>	190
<i>Teste Básico: Exportação de Manufaturados</i> ...	192
<i>Círculo Vicioso Estrutural do Subdesenvolvimento</i> <i>Brasileiro</i>	196
<i>Três Ideologias Capitalistas Possíveis</i>	201
<i>Nacionalismo Desenvolvimentista</i>	206
<i>Uma Avaliação das Lideranças</i>	211
<i>Conclusão</i>	214

PREFÁCIO

BARBOSA LIMA SOBRINHO

O PROFESSOR L. C. Bresser Pereira vem-se fazendo conhecido através de artigos importantes, divulgados em revistas especializadas do Brasil e do estrangeiro. O exercício permanente do magistério, ampliando-lhe a problemática e impondo a ordenação das idéias e a clareza da exposição, vale, realmente, como um programa, traçando rumos, exigindo pesquisas, alargando e aprofundando a informação bibliográfica. *Desenvolvimento e Crise no Brasil* resulta dessa conjunção de fatores, quando o professor se sente forçado a dilatar o seu campo de doutrinação, no afã de comunicar a um público cada dia mais numeroso o resultado de seus estudos e de sua meditação.

A preocupação fundamental do livro é a exposição do desenvolvimento *tout court*. Desenvolvimento como um contexto e não como um fenômeno setorial. Falar em desenvolvimento econômico não satisfaz a quem conhece as implicações sociais e políticas que acompanham, quando não precedem, o crescimento econômico, numa inter-relação estreita, em que os efeitos obtidos num setor não demoram em constituir-se causa, estímulo ou condição nos demais domínios do desenvolvimento global. O Professor L. C. Bresser Pereira não perde nunca de vista essa visão ampla do fenômeno, e o seu livro impressiona, nessa exposição, pela lucidez, pela clareza, pela precisão, pela segurança dos conceitos, constituindo, por isso mesmo, uma das melhores explanações que conhecemos do fenômeno do desenvolvimento econômico. São pági-

nas altamente didáticas, como sínteses que se fôssem apurando e cristalizando dia a dia, na regência de cátedras, sob a curiosidade exigente e vigilante de um auditório atento. Assinale-se que o autor não pretende ser um economista puro. Situa-se, de preferência, na confluência das Ciências Sociais, associando a Economia e a Sociologia para uma tarefa comum, em que as fronteiras das disciplinas autônomas se apagam, em benefício da explicação e da compreensão dos fenômenos.

Não poderia dizer que estou de acordo com todas as teses do livro. Também não entendo que uma concordância total seja condição para a presença de um prefaciador, presença que é, apenas, no caso, o testemunho de quem conhece de perto o autor e sabe da seriedade de seus estudos e da elevação de suas preocupações doutrinárias. Embora mais expositivo do que conclusivo, sente-se no livro que a dificuldade de concluir resulta menos do receio de afirmar do que da insuficiência dos elementos de que se pode dispor, num domínio em que as pesquisas são escassas e não raro precárias ou até mesmo temerárias. A história econômica e social do Brasil ainda deixa muito a desejar, limitada, quase sempre, à repetição de lugares-comuns e à apresentação de sínteses, em que se evidencia a superficialidade ou a ausência de dados indiscutíveis. Conhece-se muito bem a formação de nosso patriarcado rural em diversos de seus aspectos, sobretudo sociais. Mas escasseiam pesquisas mais sérias quanto à formação e expansão de nossa burguesia e de nosso proletariado, embora sobre explanações, não raro mais corajosas do que documentadas. Por sinal que já devemos ao Professor L. C. Bresser Pereira uma pesquisa meritória, quanto à origem étnica do empresariado nacional, na região paulista.

Deve ter custado ao autor, com o espírito de síntese que o caracteriza, não poder chegar, com os elementos reunidos, além das conclusões que ele próprio classifica como puramente afetivas, na falta de terreno mais seguro para o estaqueamento de verdades definitivas. Viu-se como que forçado a uma análise global da realidade brasileira, sem poder dissimular as contradições que a emaranham ou comprometem. Concluir seria como que resolver essas contradições. E como resolvê-las, sem entrar no domínio das adivinhações, se a variedade e complexidade das tensões deslocam para o campo

internacional uma decisão que quase já não nos pertence ou que cada dia se torna mais difícil e mais custosa?

Seja, por exemplo, o conflito entre *nacionalismo* e *colonialismo*. Começa a dúvida pela própria terminologia. O Professor L. C. Bresser Pereira, em certa passagem do livro, prefere a classificação de Hêlio Jaguaribe, opondo *nacionalismo* a *cosmopolitismo*. Repugna-lhe o vocábulo *entreguista*, "que possui uma conotação valorativa evidente". Mas *cosmopolitismo* também inclui uma conotação desse tipo, num esforço para dourar a pílula, atribuindo-lhe um sentido universal quase edificante e meritório. Quando a verdade é que a opção não é entre o interesse nacional de um país determinado e o interesse do universo, mas apenas entre dois países ou entre duas economias, uma dependente, outra dominante. Para definir essa luta, *colonialismo* (como o próprio autor o faz na parte final do livro) é palavra muito mais precisa que *cosmopolitismo*, se se quer traduzir com ela o conflito ou o antagonismo dessas duas economias. O *entreguismo* definiria, nesse conjunto de interesses, a ação gratuita e intencional da alienação. Poderia em alguns casos não ser exata ou ser até mesmo injusta, mas em muitos outros tornar-se-ia insubstituível. *Colonialismo* traduziria a sujeição econômica, aceita voluntariamente como fórmula, se não de prosperidade, ao menos de resignação e dependência.

São fatos e realidades, que podem perfeitamente dispensar intenções agressivas, mas que também não devem ser omitidos ou desprezados. As conotações de valor só têm significação e força, diria o próprio La Palisse, se correspondem a uma realidade. Dissociadas dela, estiolam-se por si mesmas, desamparadas e inofensivas. Em contraposição, quando correspondem a fatos, impõem-se por si mesmas, inelutáveis e convincentes. Por isso mesmo foi que o Professor L. C. Bresser Pereira, cedendo ao desejo de reduzir o antagonismo às duas expressões, que lhe pareceram, de início, mais expressivas — *nacionalismo* e *cosmopolitismo* — acabou trocando os vocábulos e substituindo *cosmopolitismo* por *colonialismo*, fiel aos objetivos de lealdade e de sinceridade, que constituem a tônica e o mérito de sua lúcida e brilhante exposição.

Rio, janeiro de 1968

Introdução

A DECISÃO de escrever este livro partiu de uma indagação que não é minha, mas de todos aqueles que, como espectadores ou atôres, têm participado e vivido este período da história brasileira politicamente conturbado, econômica e socialmente revolucionário, rico de ensinamentos, pleno de contradições e incógnitas, que tem início em 1930 e se estende até o dia de hoje. A indagação é tão simples quanto é difícil a resposta. O que se deseja saber é, afinal, o que de fato ocorreu e está hoje ocorrendo no Brasil. Quais são os traços fundamentais, definidores, do processo histórico brasileiro contemporâneo.

A pergunta é sem dúvida ambiciosa. Não pretendemos tê-la respondido de forma cabal neste livro. Esperamos apenas ter fornecido mais alguns elementos para a discussão. E, para isto, tivemos, naturalmente, que nos colocar mais um grande número de perguntas. Eis algumas destas perguntas: Qual foi o modelo de desenvolvimento econômico ocorrido no Brasil entre 1930 e 1961? Havia algumas alternativas para o processo de substituição de importações? Que papel tiveram empresários e Governo nesse desenvolvimento? E, afinal, como se define o desenvolvimento? Ocorreu ele realmente no Brasil? Que transformações sociais trouxe ele? Quais as novas classes ou estratos que surgiram? E os novos valores, as novas ideologias? Dentro do desenvolvimento político, o que representou o conflito entre industrialismo e agriculturalismo, entre nacionalismo e colonialismo, entre imobilismo e desenvolvimentismo? Essas ideologias implicavam a existencia de um

conflito entre os empresários industriais em ascensão e a aristocracia agrário-comercial? E que parte tiveram nesse processo os operários e os grupos de esquerda? Houve a tentativa da formação de uma frente única da esquerda e dos industriais progressistas? Até que ponto essa tentativa foi bem sucedida? Como funcionou o esquema de poder durante os anos trinta, quarenta e cinquenta? Qual a significação da união PTB-PSD? Quais foram os fatos novos que vieram destruir esse esquema? Como se explica o processo de radicalização e de alarmismo que precedeu a Revolução de 64? Houve realmente uma mudança de fase, a partir de 1961, na história do Brasil, tendo início a Crise Brasileira? Quais as características fundamentais dessa crise? E quais as suas causas? Estão entre elas as distorções do processo de substituição de importações, o desemprego, a concentração da renda, a redução dos salários reais, a falta de mercado, a capacidade ociosa, a realização de investimentos com uma tecnologia importada, a falta de oportunidade de investimentos, e a incapacidade desses investimentos, quando realizados, de absorver a mão-de-obra disponível? E a inflação onde entra neste esquema? Trata-se de uma causa ou uma consequência da crise? É inflação de demanda ou de custos? Suas causas são monetaristas ou estruturais? Existe realmente um círculo vicioso estrutural do subdesenvolvimento brasileiro? Ou, então, na medida em que o Brasil já possui um parque industrial integrado, pode-se dizer que a fase da Revolução Industrial Brasileira já terminou, e que agora entramos na fase do desenvolvimento auto-impulsionado? Mas, afinal, existe desenvolvimento auto-impulsionado? E é legítima a analogia entre o desenvolvimento industrial brasileiro e dos países hoje industrializados? Além disso, se não terminamos ainda a Revolução Industrial Brasileira, qual será o grande teste da economia brasileira, pelo qual ainda ela não passou? E mais: quais as ideologias com possibilidade de vigência hoje no Brasil? Qual a ideologia da Revolução de 1964? Qual a sua potencialidade em relação ao desenvolvimento brasileiro? Até que ponto é possível a um Governo de tecnocratas e militares promover esse desenvolvimento? Qual o papel do imperialismo dentro desse esquema? E qual a alternativa dentro ainda do regime capitalista? O nacionalismo desenvolvimentista, por exemplo, será uma alternativa? Mas terá ele possibilidade de vigência?

Em outras palavras, qual a viabilidade do desenvolvimento capitalista para o Brasil? E, na hipótese de ser pequena essa viabilidade, pode-se pensar, em termos realistas, em uma solução de tipo socialista para o Brasil, ou então os obstáculos nesse sentido serão ainda maiores?

Estas são algumas das perguntas que procuramos formular e sugerir uma resposta neste livro. Evitamos sempre os pormenores, os casos particulares. Não fizemos história. Preferimos, ao invés, fazer uma análise interpretativa geral, em que o nível de abstração procurou sempre ser elevado, de forma que, embora pudéssemos errar nos casos particulares, devido às simplificações realizadas, no geral obtivéssemos um modelo explicativo dessa mesma realidade que fizesse sentido. Embora a análise, em alguns momentos, enfatizasse o aspecto econômico do problema, o que se explica não só em virtude de nossa formação profissional mais especializada nesse setor, mas também devido à importância desse aspecto, procuramos realizar sempre uma análise global, em que o enfoque sociológico e o da Ciência Política tivessem igual peso.

Como poderá ser observado pela leitura do índice, este livro divide-se em seis capítulos. No primeiro definimos o processo de desenvolvimento, e fazemos uma apresentação geral do desenvolvimento brasileiro, no segundo, terceiro e quarto, examinamos o desenvolvimento econômico, social e político ocorrido no Brasil entre 1930 e 1961. No quinto capítulo fazemos a análise da Crise Brasileira que, a partir de 1961, passa a caracterizar o Brasil tanto econômica, quanto política e socialmente. Finalmente, no último capítulo, perguntamo-nos sobre as perspectivas da sociedade brasileira e, mais especificamente, examinamos o problema da viabilidade do desenvolvimento capitalista para o Brasil, face ao círculo vicioso estrutural do subdesenvolvimento brasileiro e à carência de lideranças aptas a conduzir o Brasil novamente à senda do desenvolvimento.

Outubro de 1967

L. C. B. P.